



COMBATENDO O RACISMO: Relato de experiência em uma Escola Pública de Itajaí - SC

Ilisabet Pradi Krames,
Onice Sansonowicz,
Gabriel Carneiro,
Gabriel Pinheiro Machado

Eixo temático: Educação e diferenças

Palavras-chave: Racismo. Etnia. Contestação.

INTRODUÇÃO

Quase 130 anos nos separam da lei que decretou o fim da escravidão no Brasil. Esse período, segundo Reis (2016), trouxe para cá 40% dos 15 milhões ou mais de homens e mulheres que foram arrancados do continente Africano. Não bastasse os 300 anos que a população negra regou a terra colonial com suor e sangue, esse período nefasto legou para os descendentes uma herança que reverbera hoje no cotidiano desta população em forma de preconceito, discriminação, desprezo e segregação.

Políticas afirmativas, ações que buscam empoderamento da população afrodescendente, artigos acadêmicos, teses, dissertações e livros acerca da temática, leis que criminalizam atos racistas. Tudo isso se justifica diante da realidade vivida por essas populações que há muito tempo são vítimas desse preconceito vil e covarde que segrega baseado no pigmento da pele.

Enquanto escola temos obrigação de, ano a ano, provocar a reflexão acerca do assunto. Nesse sentido, no mês de novembro de 2016, o PIBID Interdisciplinar Henrique da Silva Fontes, desenvolveu um projeto que além de promover a discussão em sala de aula, culminou com uma exposição com cerca de 100 peças publicitárias sobre a temática.

OBJETIVO

Discutir as relações raciais no ambiente escolar de forma a reconhecer a presença e a importância da população afrodescendente nos diversos aspectos da nossa sociedade, promovendo o respeito e combatendo o racismo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo o dicionário Michaelis da Língua Portuguesa (2000), racismo significa “teoria ou crença que estabelece uma hierarquia entre as raças (etnias)”. Kabengele Munanga mostra como historicamente esse conceito foi apropriado:

[...] foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre as classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvesse diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes. (MUNANGA, 2000)

Dessa forma o termo racismo é utilizado aqui na perspectiva tanto biológica quanto cultural. Muito embora essa interpretação biológica esteja suplantada,



sociologicamente ele está presente atravessando as relações. Ainda para Munanga (2000) o que “o que mudou, na realidade, são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou inato” (p.29).

Outro aspecto que há que se pontuar para entender a perpetuação do racismo na sociedade brasileira, são as construções intelectuais especialmente no que diz respeito a ideia de democracia racial, de mestiçagem que favoreceria o convívio harmonioso entre as diferentes raças, que ao ser incorporada prestou um grande desserviço à população negra. Há que se pontuar que essa mistura, não produziu, tampouco continua produzindo igualdade de condições. Ao comentar a herança desse mito, Bernardino (2002) assevera:

Assim, o mito da democracia racial e o ideal de embranquecimento deram origem uma realidade social em que a discussão sobre a situação da população negra foi identificada como indesejável e, até mesmo, perigosa. A recusa de reconhecer a realidade da categoria raça, tanto num sentido analítico quanto de intervenção pública, fez do regime de relações raciais brasileiro um dos mais nefastos e estáveis do mundo ocidental. (BERNARDINO, 2002).

A escola enquanto espaço de construção dos sujeitos tem obrigação de propor práticas pedagógicas que promovam a reflexão, e estimulem tanto a valorização da cultura africana como a desmistificação de estereótipos, enfatizando a criticidade e o respeito a diferença. Para o aluno(a) negro(a) vítima cotidiana dessa história, a escola precisa ser o espaço de acolhimento, e de reafirmação de sua dignidade colaborando com seu empoderamento. Para os demais, deve servir como espaço de reflexão e desconstrução dos preconceitos cristalizados com vistas a construir uma sociedade mais igual. As Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (1999, p. 152) destacam:

A educação escolar, comprometida com a igualdade de acesso ao conhecimento a todos e especialmente empenhada em garantir esse acesso aos grupos da população em desvantagem na sociedade, é uma educação com qualidade social e contribui para dirimir as desigualdades. (DCNEM, 1999, p. 152).

Dessa forma a escola é vista como espaço da construção da cidadania e dos valores humanos, abrigando de forma democrática as demandas e colaborando na construção da dignidade.

METODOLOGIA

Este projeto foi desenvolvido pelo PIBID INTERDISCIPLINAR DA UNIVALI na Escola de Ensino Médio Prof. Henrique da Silva Fontes em Itajaí - SC nas aulas de História em turmas do 2º ano do Ensino Médio.

O primeiro encaminhamento foi a preparação dos bolsistas ID acerca dos conceitos de raça, racismo e etnia que seriam trabalhados. Na sequência estes e a professora supervisora, fizeram intervenção junto aos alunos(as) obedecendo a seguinte sequência:

1 - Demonstração de imagens sobre o Continente Africano, buscando provocar o estranhamento acerca dos estereótipos cristalizados.



2 – Discussão sobre a história do continente africano, reafirmado o que foi produzido historicamente seja do ponto de vista cultural, econômico e tecnológico.

3- Exibição do vídeo “O Perigo de uma História Única” de Chimamanda Adichie onde a escritora nigeriana evidencia o perigo de um olhar sem reflexão.

4- Abordagem dos discursos pseudocientíficos, que objetivavam comprovar a existência de raças e que serviram para implantar e solidificar a dominação de nações africanas e asiáticas pelos europeus. Estudou-se como esses conceitos foram construídos, apropriados e disseminados com o aval da ciência. A partir das descobertas, os discentes foram levados(as) a refletir sobre os efeitos nocivos destes pseudo saberes e como eles adentraram o século XX, provocando enormes estragos e perdurando até hoje através dos genocídios, das políticas segregacionistas, e das práticas racistas cotidianas.

Dentro desta perspectiva e buscando associar o conhecimento à práxis, foi proposto aos alunos, como atividade avaliativa, que em grupos, produzissem uma peça publicitária que tivesse como objetivo combater o racismo. Durante o período de uma semana os bolsistas e a professora acompanharam os alunos e alunas, sugerindo ideias, pesquisando frases para que o material produzido causasse o maior impacto possível a quem tivesse acesso a ele.

RESULTADOS ALCANÇADOS:

A produção de mais de 100 peças publicitárias como: almofadas, canecas, camisetas régua, porta-retratos; chinelos, dentre outros souvenirs. Todos esses artigos, foram produzidos de modo que o aluno(a) reconhecesse a sociedade como racista, e percebesse a desumanização que há nessa prática.

Além da exposição na escola, que ficou aberta a comunidade escolar e teve divulgação na mídia local, o material foi exposto na Universidade do Vale do Itajaí além de ter sido utilizado em formação pelo Movimento Negro local.

Como resultado prático além da reflexão feita por todos e todas, observou-se a forma como foi recebido pelos alunos e alunas negras que tiveram a escola como espaço de empoderamento, expondo a estupidez a qual sofrem cotidianamente.

REFERÊNCIAS

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, A.A. Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. Niterói: EdUFF, 2000. p. 15-34. Cadernos Penesb, 5.

REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1996